

Ngwenya, o crocodilo

Ngwenya, o crocodilo, o último filme de Isabel Noronha, é uma declaração de amor e carinho para com o pintor Malangatana. E mais do que isso, é uma viagem para o tempo da infância onde ficaram as perguntas de uma criança que teve o privilégio de ultrapassar a fronteira da divisão cultural e social, na época colonial. Um filme sobre identidades.

"As perguntas que dão

gração nesse universo dentro de mim, numa forma mais estruturada", explica Isabel Noronha.

Malangatana, como afirma uma das protagonistas do filme, mantém bem patente dentro e fora de si o mundo das crianças. E essa viagem em *Ngwenya, o crocodilo*, acaba por ser uma viagem à infância e à juventude,

entre ser isto ou ser aquilo, podemos integrar dentro de nós os diversos aspectos que constituem aquilo que nós somos. "Acho que o percurso da vida de Malangatana é um bom exemplo desta tentativa de encontrar e estabelecer um equilíbrio entre estes vários aspectos da identidade que o compõem. Em busca sobretudo do equilíbrio entre a tradição e a modernidade: é uma pessoa que conserva vivos dentro de si os aspectos da tradição onde nasceu, cultiva-os, revisita-os, recria-os passando para tela todas essas questões, e por outro lado se movimenta perfeitamente no espaço da modernidade, apreende esse espaço, utiliza os recursos que correspondem à modernidade."

O desejo da realizadora é que o filme possa ser utilizado para provocar uma discussão até académica e intelectual e científica à volta da identidade que a nível das ciências sociais é uma questão de

"Malangatana... é uma pessoa que conserva vivos dentro de si os aspectos da tradição onde nasceu, cultiva-os, revisita-os, recria-os passando para tela todas essas questões, e por outro lado se movimenta perfeitamente no espaço da modernidade, apreende esse espaço, utiliza os recursos que correspondem à modernidade."

origem ao filme são muito antigas. Conheci o Malangatana quando era criança. Costumava ir estudar com a filha dele na sua casa. Muitas vezes ficava a vê-lo pintar. Aquele universo correspondia a coisas que eu conhecia sem as conhecer, que faziam parte da cultura das pessoas que cuidavam de mim desde bebé, com as quais estava em contacto mas da qual não sabia o significado mais profundo. Tinha muita curiosidade e fazia muitas perguntas mas ele nunca me respondia. O filme no fundo é um regresso a essas perguntas, uma viagem com ele em busca das respostas e a inte-

dele e da Isabel: uma viagem de duas crianças, uma a pegar a outra pela mão e a entrarem no mundo infantil em busca de respostas que necessitam ter. "Talvez vem daí esse carinho, essa forma mais pueril de falar das coisas, de mostrar... Foi toda uma viagem feita dessa maneira, e a própria equipa foi envolvida nessa atmosfera", conta Isabel.

Mas é também um filme sobre identidades. Ao longo do filme vai ficando muito claro que nós não temos de fazer necessariamente uma escolha

fundo, a nível político é uma questão importante, e neste momento faz todo o sentido a nível social. "Como o filme acaba abordando a questão da identidade, e especi-

... sempre que se toca a questão da identidade ela emerge em discussões que vêm sempre pelo caminho mais negativo, do racismo, da exclusão, do conflito."



Em Matalane

ficadamente da identidade moçambicana de uma forma mais construtiva do que costuma aparecer, pois sempre que se toca a questão da identidade ela emerge em discussões que vêm sempre pelo caminho mais negativo, do racismo, da exclusão, do conflito."

Para a realizadora, que é também guionista do filme, esse universo vai para além

só duas meninas negras, a filha de Malangatana e a sobrinha de uma servente da escola. Este tempo colonial foi marcado por uma divisão racial muito clara e muito séria, talvez por influência da África do Sul, não sei exactamente: a cidade estava dividida geograficamente e não havia de facto um contacto entre as diferentes culturas. Quando ia à casa de Malangatana, a visitar a Cecília, tinha que atravessar toda a cidade para chegar ao bairro do aeroporto. Era um percurso onde se ia vendo a estratificação social, pois eu morava onde só estavam brancos; depois no bairro central, começava-se a ver indianos, um pouco mais para frente na Malanga começava-se a ver mulatos enquanto no Alto Maé só eram praticamente só mulatos e negros, e, entrando pela zona da Avenida de Angola só eram negros. Não era fácil ter acesso e ser aceite do outro lado, tanto do meu como o da Cecília. Cruzar estes espaços era como cruzar uma fronteira", recorda Isabel.

A casa redonda

Isabel recorda o momento em que teve medo quando chegou a Matalana na primeira noite. "Dormi na pequena casa redonda que Malangatana chama a *por enquanto*, (enquanto não estará concluída a casa

noção da cultura africana onde as dimensões são circulares, onde há abertura e as coisas convergem num centro, que corresponde a toda uma forma de pensamento e de estar no mundo que não é aquela onde eu nasci e cresci", conta Isabel numa tentativa de racionalizar a sensação. "Sentia-me frágil e desprotegida, por falta de enquadramento, mas sentia ao mesmo tempo uma euforia por estar a entrar num espaço diferentes onde ia ver e conhecer coisas novas."

"Foi uma noite estranha. Quando eram 4 horas, levantei-me e encontrei o Malangatana a desenhá-lo. Contei-lhe o que se estava a passar, o não consegui dormir, a pulsação muito acelerada... O que será? Ele teve uma explicação. Não tivemos o cuidado de ir ao cemitério a explicar à mãe dele o que estávamos a fazer ali. 'Como não fomos, tu ainda não estás a ser recebida dentro da minha casa, é por isso que estas a sentir essas coisas.' De madrugada, fomos ao cemitério. Esta cena foi repetida no filme, mas foi mesmo uma coisa real. Uma sensação de estranheza, quando tu estás a cruzar o limiar de entrada dum espaço desconhecido."

Fazer *Ngwenya, o crocodilo* levou quase um ano. Seis semanas de filmagens, cinco meses de montagem,

"... Não era fácil ter acesso e ser aceite do outro lado, tanto do meu como o da Cecília. Cruzar estes espaços era como cruzar uma fronteira"



Em Estúdio

do Malangatana e tem os contornos mágicos da infância. Muito bonito é o momento quando é reproduzido no ecrã, a bebé a ser belecada. A canção cantada pela ama, será um refrão de todo o filme. Chico António pôs na pauta essa canção bem como todas as outras músicas que são património das gentes de Matalana, o lugar da infância do mestre pintor. Por outro lado, Malangatana enquanto pinta ouve música de muitas proveniências. A câmara capta-o uma vez ao som de cantos Gregorianos, outra vez com os acordes de Lambarena (o CD de 1993 que é o encontro das obras de Johan Sebastian Bach com os cantos tradicionais dos povos da floresta gabonesa, uma homenagem à obra do médico Albert Schweitzer, que viveu muito tempo em Lambaréné, no Gabão, e que, antes de se dedicar à medicina, era um concertista e especialista da obra de J.S. Bach) o que, sem esta explicação pode parecer insólito no meio da banda sonora.

O filme foi rodado quase inteiramente em Matalana, e as personagens pertencem todas à grande família-clã do pintor. A noite é a outra personagem presente, quase metáfora dessa longa viagem de 90 minutos, à descoberta dos símbolos e dos lugares que ficaram por ser explicados durante muito tempo.

"Estamos a falar do tempo colonial, quando tinha seis anos. Em 1970, mesmo na escola onde eu andava, havia

grande). Nem sei exactamente de que tinha medo, mas não consegui dormir. Nunca tinha dormido num quarto redondo que não fosse de canção, pois quando é de canção é diferente porque entra alguma luz que vem de fora, não fica completamente escuro. Aquela era uma palhota *maticada*, era completamente escura e redonda. Perdes a noção dos limites das coisas, isso de certa forma corresponde do ponto de vista antropológico àquela

feita em Portugal com o realizador e montador José Nascimento, e custou 215 mil dólares, financiados pela Fundação Kellogs, a Cooperação Francesa, a Fundação, o ISPU e uma empresa de publicidade moçambicana, a Jota.



E gratuito